

DEPOIMENTOS ORAIS: ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS EM PESQUISAS NO CAMPO RELIGIOSO

Sérgio Nunes de Jesus¹²⁵, Reginaldo Conceição da Silva¹²⁶, Nara Dantas de Azevêdo¹²⁷

Sempre será um grande desafio para o pesquisador quando se ‘aventura’ numa seara didático-metodológico com trabalhos orais, principalmente no campo religioso. É válido considerar os vieses que permeiam esse campo, pois além de lidarmos com questões mítico-tradicionais – devemos também tomar cuidados ao ‘interpretar’ bases entre ‘Sagrado e o Profano’, pois delas partiremos de experiências particulares que podem fugir ao manejo do ‘pesquisador principiante’.

Dessa maneira, para Cabral (s/d, p. 1-2) aponta que:

[...] interessar ao pesquisador fazer a análise, passado algum tempo, de como os depoentes ressignificam o seu papel nas experiências vivenciadas, cabendo ao pesquisador possibilitar virem à tona as histórias que eles guardam. Além disso, importância ainda maior é conferida ao fato de, no campo em discussão, o depoimento oral possibilitar o registro e análise da experiência religiosa dos sujeitos, conforme explicitaremos adiante.

Observamos a partir desta abordagem que é importante que o pesquisador, de certa maneira, saiba analisar essas vivências particularizadas para que seu trabalho tenha êxito no decorrer das discussões, bem como nos possíveis resultados a serem alcançados na pesquisa.

Ainda na mesma perspectiva, Cabral (s/d, p. 2) aborda que:

Quando fazemos uso dos depoimentos orais, fica claro que a memória é a forma como se interioriza a história imediata, e que essa interiorização é feita com o mundo de significações que alcança cada depoente. Portanto, o depoimento pode aproximar-se ou distanciar-se do registro imediato do documento escrito, uma vez que o cenário da memória é um campo de experiências que abrange também o inconsciente.

Assim, estar atento as interpretações e movimentos iminentes de determinados grupos religiosos é por demais importante ao pesquisador que precisará ressignificar o

¹²⁵ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IF

¹²⁶ Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Laboratório Nova Cartografia Social da Amazônia

¹²⁷ Universidade do Estado da Bahia -UNEB. CETEP do Sertão Produtivo - Caetité-BA

seu objeto de estudos por meio das diferentes vertentes de seguimentos que poderá escolher para os estudos, bem como as filiações que, convencionalmente pode ‘tender’ o pesquisador a desafios inimagináveis a partir dessas práticas tradicionais que, por vezes são centenárias e com raízes que se modificam ou não de acordo ao local escolhido do pesquisador. Logo, escolhas e critérios metodológicos podem fazer a diferença.

Podemos aqui considerar também que ao fazer a escolha por depoimentos orais – as significações interiorizadas do depoente – a sua memória discursiva pode remeter diferentes pontos de vistas do documento escrito, caso ele possa optar por essa materialidade. Isto posto, muda-se o cenário, a essência, o ponto de vista e, acima de tudo, a relação: pesquisador x pesquisado; importantíssimo nesse viés de abordagem. Essas questões apontadas por Cabral (s/d) são por demais importantes para considerar as análises e de que maneira podem ser conduzidas didático-metodológicas nesse campo de pesquisa – que, para inúmeros pesquisadores são ‘escorregadios’...

Consideramos aqui também que, a vivência e suas relações sociais entre o pesquisador e o pesquisado é e pode ser constitutivas de ambos os significados – principalmente nas observações e ambientes escolhidos (seja opinado pelo pesquisador ou pelo depoente), é preciso observar esses ‘universos que são produzidos de culturas’: desde a escolha (ambiente) até a análise oral dos depoimentos ou escrita (materializada), esta segunda, diferente do que o pesquisador pode perceber (na entrevista oral¹²⁸), padrões que significam e ressignificam no ato da entrevista e suas entonações de/na linguagem.

Outrossim, Cabral (*idem*), reafirma o ponto de vista da autora, pois questões como essas precisam estar claras nas perspectivas do pesquisador, bem como nas escolhas e nos cuidados documentais que precisam estar de acordo às normas institucionais para não incorrer na ‘desqualificação da pesquisa’. Para Chartier (1992, p. 7), essas fronteiras acima abordadas requer melhor compreensão e aponta contribuições da Antropologia como fundamento:

A antropologia tem muito a oferecer ao historiador: uma abordagem (ganhar a entrada em outra cultura a partir de um rito, texto ou ato, aparentemente

128 Nesse caso, faz-se necessário analisar o lugar de onde elas falam e o que está por trás do que dizem, buscando entender a teia invisível – entendida como aspectos presentes no discurso, apesar de não explicitados – que anima a narrativa (SPINK, 2000, p. 117-148)¹²⁸. Para elas, a primeira implicação de suas falas é com a salvaguarda da instituição, através da defesa, sobretudo, dos seus princípios balizadores e da sua doutrina. Uma questão delicada, que deve ser muito prática, é o uso do documento “Termo de consentimento Livre e Esclarecido”, atualmente exigência dos Comitês de Ética das instituições cujas pesquisas envolvem seres humanos, ainda que em algumas delas, como no caso em discussão, sejam utilizados apenas os dados de depoimentos orais concedidos. (grifo do autor) Cabral (s/d, p. 5)

incompreensível ou opaco); um programa “tentar ver as coisas a partir do ponto de vista do nativo, entender o que ele quer dizer e buscar dimensões sociais do significado”; e um conceito de cultura como “mundo simbólico” no qual símbolos compartilhados servem ao pensamento e à ação, moldam classificação e julgamento, e fornecem avisos e acusações. Entender uma cultura, então, é acima de tudo redescobrir as significações investidas nas formas simbólicas das quais a cultura se utiliza. (grifo do autor)

esse princípio, é importante dizer que o legado antropológico e outras áreas do conhecimento são importantes nesse campo didático-metodológico, pois os diversos imaginários e segmentos religiosos-contemporâneos permitem essas inserções imaginárias no trabalho investigativo.

Nessa visão, Cabral (s/d, p. 10) aborda que:

Em suma, a capacidade de ouvir deve estar acompanhada de boas maneiras e de profundo respeito pessoal pelo outro que se dispôs a colaborar com uma pesquisa que é do entrevistador. Quando concorda em participar, o depoente permite que a sua privacidade seja invadida e subtrai parte de seu tempo para atender a interesses que não são os seus diretamente, ainda que possa estar interessado nos resultados posteriores.

É preciso observar que os desafios são inúmeros, pesquisadores, historiadores, bem como cientistas da religião ou estudiosos de inúmeras áreas do conhecimento, podem estar em contato com essas experiências e permitir uma melhor visão do sujeito a ser estudado e, acima de tudo: conhecer o universo do pesquisado; seus significados e ressignificações ao longo da história do depoente.

Destarte, a escolha teórica e a metodologia a ser conduzida, e suas categorias de/na pesquisa, precisam ser cada vez mais consoantes às diversas experiências nesse campo entre o ‘sagrado e o religioso’ como fundamentos materiais que permeiam conceitos, sentidos, significados e materializações mítico-religiosas que podem ultrapassar os anseios do pesquisador ante ao objeto pesquisado.

PERSPECTIVA AFRO-RELIGIOSA: CULTURA, RELIGIOSIDADE E SENTIDOS SISTEMATIZADOS

Diante dos contextos acima ancorados é válido considerar que a cultura tem como ponto fundamental revisitar os constituintes da língua(gem) a partir de uma perspectiva antropológica – essa compelida pelo aprendizado *herdado* de geração para geração numa concepção de interação comunicativa – pela análise dos componentes da língua(gem) como um sistema que identificará os objetos sociais.

Conquanto, a diversidade e a distribuição do conhecimento entre os participantes de uma dada pesquisa – sejam elas: esotéricas, técnicas, especializadas ou não, nos remete ao entendimento dos sistemas dos signos; esses como produtos culturais, a saber: mitos, rituais, classificação do mundo natural ou apropriações da natureza pelos sujeitos das ações.

Nesse processo, podemos dar enfoque interpretativo de acordo as diferentes culturas existentes – essas que apontam *métodos investigativos* por meio da crença pela manifestação cultural e dos atos da comunicação, bem como da representação situacional dos seus objetos, grupos de indivíduos – no sentido *lato* que se entrelaçam a outros contextos sociais ou históricos.

Para tanto, tais evidências investigativas podem ser entendidas a partir dos *sentidos* e *significados* que serão manifestados por meio dos **signos** que os sujeitos estão inseridos e que podem também se caracterizar pelas necessidades: *materiais* ou *imateriais*. Segundo Comte (*In: MELLO, 1987/1995, p. 388*), [...] *os homens explicavam tudo pela fé ou pelas razões religioso-místicas* [...], isso implica em creditar explicações incoerentes e fatuais, bem como do conhecimento experimental do homem e suas práticas sociais.

Ainda a partir dessa mesma linha de raciocínio sobre a concepção religiosa Evans-Pritchard (*In: MELLO, 1987/1995, p. 389-390*), afirma [...] *devo admitir que não encontro, no conjunto de diferentes teorias [...], em cada uma delas, isoladamente, quer no todo, muito mais do que simples especulações do senso comum, o que, na maioria das vezes, erra o alvo*. E ainda, na mesma abordagem, observamos que as religiões de matriz africanas se caracterizam pelo fato de a cultura representar elementos da natureza, seus cultos e efeitos sobre o sagrado e a espontaneidade do valor *material* ou *imaterial*.

Nesse sentido, a ‘supernaturalização’ do natural é apontada por Mello (1987/1995, p. 391) [...] como manifestações de elementos da natureza a partir da chuva, solo, fertilidade, bem como a herança dos rios que são apontadas como sobrenaturais de deuses e entidades [...], mas nem sempre bem definidas.

Nas perspectivas, didático-metodológicas, sobre a *Virtu religiosa*¹²⁹, invocamos aqui a base teórica da Semântica de Contextos e Cenários (SCC), onde assume a concepção de língua a partir da essência cultural para Ferrarezi Jr. (2010).

[...] língua natural é um sistema de representações de mundos e seus eventos.
[...] E, quando falo aqui de mundos, refiro-me a todos os tipos de mundos possíveis de ser representados pelas línguas naturais, sejam eles mundos reais, ficcionais (ou virtuais) ou esquizofrênicos. Esse conjunto de mundos é o que se chama, geralmente, na literatura de mundos possíveis (FERRAREZI JR., 2010, p. 65-6).

Conquanto, essas perspectivas sistematizam na representação material entre a *língua-sagrado-profano* – pois tais relações culturais como foi abordada no início das nossas discussões – elas se caracterizam como ferramentas sociais na interpretação do mundo (sistema mediador) entre os sujeitos, as manifestações materiais e imateriais que são fundamentadas nos sentidos dos signos (*língua-sagrado-profano*) nesses mundos apontados por Ferrarezi Jr. (2010).

Os fatos religiosos são diferentes nas inúmeras culturas mesmo dentro das matrizes africanas, mas similares em suas práticas sociais e culturais – ou seja: dá lugar ao comportamento do homem/sujeito como *Homo Religiosus* – o do desejo “SER” e da realidade “Poder da Natureza”. Outro aspecto que merece nossa atenção é a visão *pseudo real* (da possessão no catolicismo) e o imaginário (na incorporação afro-religiosa): ambas assumem a existência corpórea de um “Ser” / “Entidade” em suas práticas contextualizadas no ato do rito. O corpo do sujeito manifestado é de caráter do divino ou por assim dizer, do sagrado.

Desta feita, coadunamos que, a sacralização faz parte da vida humana como funções importantes para a vida – essa última como propósito dos modos do “Ser” no Mundo. Assim sendo, salientamos que tais comportamentos humanos são condicionados pela cultura tomando cada vez mais o *Cosmo sacralizado* – apenas se manifestam a partir das suas necessidades culturais em cada contexto instituído na Natureza Cósmica; desde os tempos mais remotos quanto à sociedade atual: somos por natureza *Homo Religiosus*.

¹²⁹ Caracterizamos aqui a partir das crenças sociais que o sujeito busca satisfação das práticas religiosas – essas ancoradas pela fé a fim de acalantar sofrimentos e se prevalecer no alcance da amenização e conforto na felicidade.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Entre falas e silêncios: o trabalho com depoimentos orais em estudos sobre o campo religioso. Recife: S/E, s/d.

CHARTIER, Roger. Textos, símbolos e o espírito francês. Revista História: questões e debates, Associação Paranaense de História – APAH, Curitiba, 13 (24-25): 1-12., 1992.

ELIADE, Mircea (1907-1986). O sagrado e o profano: a essência das religiões. 3. ed. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Biblioteca do pensamento moderno)

FERRAREZI JUNIOR, Celso. Introdução à semântica de contextos e cenários: *de la langue a la vie*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2010.

GUMPERZ, John J. Introduction. In: GUMPERZ, John J.; HYMES, Dell. (Eds). Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication. Oxford: Basil Blackwell, 1986, p. 1-25.

HYMES, Dell. Models of the interaction of language and social life. In: GUMPERZ, John J.; HYMES, Dell. Directions in sociolinguistics: the Ethnography of Communication. New York: Copyright, 1972, p. 35-71.

LANGE, Wanderley Maycon. Memória, narrativa, história oral: um ensaio acerca da identidade e representação entre os jovens luteranos de Imbituva-PR. Disponível em: <https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1469140464_ARQUIVO_WanderleyMaycon.pdf> Acesso em: 17 de jun. de 2021.

MELLO, Luís Gonzaga de. Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987/1995.

WINKIN, Yves. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Organização e apresentação de Etienne Samain. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, São Paulo. Editora: Papyrus, 1998.